

Recessão supera a de 80

Lia Carneiro

SÃO PAULO — A recessão dos dois últimos anos começou a mostrar que estavam errados aqueles que pensavam que grande crise foi a do famoso triênio de 1981 a 1983. O governo e os mais otimistas sempre ressaltam que o nível de atividade e do emprego na indústria paulista ainda estão maiores do que resultados desastrosos daquele período — como se fosse um consolo, passados 12 anos, ter um nível de atividade nem 10% superior a de 1980 e uma queda de 11% no nível de emprego. Restaria explicar, então, as razões das pessoas estarem afirmando que, desta vez, a crise é mais forte. E a principal diferença está no achatamento do poder aquisitivo.

No começo da década de 80, o país caminhava em um ritmo de quem tinha acabado de sair do milagre. Se as pessoas não estavam com os bolsos cheios, não eram tantas com os bolsos vazios como agora. Na verdade, a recessão dos anos 90 está indo mais longe porque arrombou as portas da classe média.

E com os salários valendo de 40% a 45% do que valiam em 1985, a inflação insistindo em 25%, 996 mil desempregados na Grande São Paulo (dados de janeiro de 1992), 10.183 demitidos na indústria paulista só na primeira semana de fevereiro e os ambulantes se multiplicando como se as ruas das grandes cidades fossem subsidiárias das do Paraguai, é fácil entender por que os consumidores desapareceram.

“O pouco dinheiro que chega, se não totalmente usado nas despesas básicas, simplesmente vai para a poupança ou outras aplicações mais sofisticadas do mercado financeiro”, explica o superintendente técnico da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Antonio Carlos Borges. “Acredito que a principal diferença desta crise para a de 1983 é a consciência. Todos estão com medo do desemprego. Todos estão sentindo a

carestia. Agora se pensa mais do que duas vezes antes de consumir.”

Restaurantes — A força da depressão alterou também os hábitos da chamada classe média alta. Os exemplos estão nos hotéis e restaurantes vazios. “O setor de hotelaria, bares e restaurantes do Nordeste estão acusando um movimento 50% inferior ao da temporada de 1991”, afirma o presidente do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo, Nelson de Abreu Pinto. “A coisa está ficando feia: de novembro para cá, estimamos, em média, uma queda de 25% a 35% no movimento dos restaurantes”, informa o diretor de serviços da Associação Paulista de Restaurantes, Adolfo Gorenstein. Os restaurantes não confir-

mam, mas o mercado fala em quedas maiores nos mais badalados e em desabamentos nunca experimentados no setor de *fast-food* — Bob's e Mc Donald's estariam amargando quedas acima de 14% nas vendas.

“Quem for incompetente, vai fechar mesmo. E os incompetentes são aqueles que não estão se mexendo”, explica o dono da Bassi, Marcos Bassi, orgulhoso de estar sobrevivendo à crise sem demitir um de seus 280 funcionários e sem deixar a casa vazia. “Perdi 20% do movimento das minhas cinco lojas de carnes nobres, as vendas do frigorífico para as cozinhas industriais caiu 40%, mas não perdi nada na churrascaria”, comemora Bassi, lembrando que seu último lançamento é a costela de contra-filé, para quatro pessoas, por Cr\$ 19.500. Esta ideia de se mexer também pegou na grande maioria dos hotéis paulistanos. Com uma política de preços acessível, a agenda de eventos de praticamente todos já está repleta para março.

Teimosia — Mas nem todos setores estão dispostos a abrir mão de margens de lucro. “Teremos uma grande surpresa neste inverno: há empresas do setor de vestuário que foram comprar suas coleções no Uruguai e, já descontando todos os custos, venderão por preços 20% inferiores aos das nacionais”, conta o economista Borges. “O setor de confecções não está vendendo nada, mas mostra que não abre mão da sua margem, pois os preços não estão em liquidação, mas em ascensão”, acrescenta Borges.

Na indústria automobilística, por exemplo, tudo indica que a única adaptação realizada para enfrentar os efeitos da recessão é a abertura de programas de emissão voluntária e reavaliação dos números da produção. Com 48 mil veículos estocados nos pátios e nas revendedoras, os preços continuam subindo (os carros da Volkswagen e da Ford já aumentaram 55,6% de janeiro para cá).

Salário real mais baixo (média 1985 = 100)

1980	93,27
1981	99,54
1982	106,43
1983	98,40
1984	95,09
1985	100
1986	112,83
1987	97,45
1988	96,86
1989	92,51
1990	80,78
1991	71,90

Fonte: Fiesp